

## Uma História de Amor: Luiz, Companheiro de Ofícios e de Sonhos<sup>1</sup>

Ana BAUMWORCEL<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### Resumo

Este texto resgata a memória afetiva de Zita de Andrade Lima, jornalista, radialista, escritora, professora e atriz, em relação ao marido, Luiz Beltrão, também jornalista, escritor, professor, pesquisador e primeiro Doutor em Comunicação Social no Brasil. A partir da análise do livro *Luiz, companheiro de ofícios e de sonhos*, procura-se identificar a comunhão entre a vida e obra destes dois intelectuais pernambucanos que fizeram história no jornalismo brasileiro e latino americano. Retrata-se a história pessoal do casal e apresenta-se quem foi Luiz Beltrão a partir do ponto de vista de Zita. O destaque é para a contribuição pioneira que ambos deram para a pesquisa acadêmica no campo da Comunicação no país. O livro *Luiz, companheiro de ofícios e de sonhos* foi escrito por Zita de Andrade Lima e publicado em 1999.

**Palavras-chave:** rádio; Zita de Andrade Lima; memória; Luiz Beltrão; história do jornalismo brasileiro.

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.  
Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.  
As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.  
Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.

Memória de Carlos Drummond de Andrade

Mesmo para quem não conheceu o casal Zita de Andrade Lima e Luiz Beltrão, a imagem, depois da leitura do livro *Luiz, companheiro de ofícios e de sonhos*, é a de que uma história de amor embalou a trajetória intelectual dos dois pernambucanos que fizeram história no jornalismo brasileiro e latino americano. Publicado em 1999, pela Editora Thesaurus, de Brasília, o livro *Luiz, companheiro de ofícios e de sonhos* escrito por Zita de Andrade Lima, tem 58 páginas e foi uma homenagem ao falecido Luiz Beltrão. Zita idolatrava Beltrão.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Doutora e Pesquisadora da área de Rádio da Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: [anabaumw@yahoo.com.br](mailto:anabaumw@yahoo.com.br).

O “conto de fadas”, como a escritora denomina sua vida ao lado de Beltrão, começou em 1937, num verão em Olinda, Pernambuco, quando Zita tinha treze anos e Beltrão, dezenove. Estudante de direito, sócio do Centro de Cultura Humberto de Campos, repórter do Diário de Pernambuco, nascido sob o signo de Leão, com olhos oblíquos e sorriso simpático, como ela o descreve, o olindense a conquistou por ser “bom de conversa”.

Depois de lhe dar um pacote de jujuba, de dizer que ela era a garota mais bonita e inteligente que ele havia visto, Luiz se declarou apaixonado e prometeu que quando Zita crescesse ele ia se casar com ela. A promessa foi cumprida. Em 1944, com 20 anos, Zita se casou com Beltrão, com quem viveu por quase cinquenta anos. Tiveram cinco filhos, dois genros, três noras, quatorze netos e quatro bisnetos. Sua família era sua fortuna, como ela mesma defendia (ANDRADE LIMA, 1999, p. 16).

O casal viajou muito durante toda a vida, seja a trabalho ou para o lazer. Zita destacou, em seu livro, que andou no bondinho do Pão de Açúcar, no Rio, no bonde de São Francisco, na Califórnia, nas gôndolas de Veneza, no Bateau Mouche, em Paris, nos barcos do Nilo, no Egito, nas embarcações do Amazonas, nas gaiolas até Pirapora, nas jangadas do Ceará e de Pernambuco.

As aventuras em outras terras são de dar inveja. Dançaram tango em Buenos Aires e visitaram os índios Colorados, na floresta amazônica. De Quito foram até Lima, descendo a Cordilheira dos Andes. Em Portugal, tomaram vinho envelhecido nas caves do Porto. Em Roma, na Itália, viram o Papa, e, em São José da Costa Rica, estiveram na cratera de um vulcão. O casal também conheceu Madri, Ávila e Toledo.

Viveram momentos de pavor com dois tremores de terra, em Nápoles e Lima. Estiveram, ainda, em Washington e México. Encantaram-se com as danças folclóricas da Bulgária, Romênia e Iugoslávia, muito antes dela virar Bósnia e Herzegovina. Na Alemanha, atravessaram o Muro, ainda existente na época, e estiveram em Berlim Oriental e Ocidental, onde, como convidados, visitaram indústrias alemãs como Pilsen, Krupp e Volkswagen. Na Romênia, ainda socialista, assistiram aos “magníficos espetáculos de balé” no Teatro da Ópera.

Conheceram as cataratas de Niágara, Foz do Iguaçu e Paulo Afonso. Zita e Beltrão estiveram, também, na Noruega, Finlândia e Holanda. Em Israel, beberam água na nascente do rio Jordão, onde São João batizou Jesus. Estiveram em Gaza, nas Colinas de Golan e caminharam, numa sexta-feira da Paixão, pelo mesmo trajeto que Jesus teria percorrido na

Via Dolorosa, indo até o Santo Sepulcro. Religioso, o casal fez orações por onde peregrinou. Hospedaram-se num Kibutz, na Galileia, e visitaram, ainda, Jerusalém, Tel Aviv e Haifa, onde sentiram “doer o coração” com a lembrança das atrocidades do nazismo que viram no Museu do Holocausto.

Zita e Beltrão foram às pirâmides e montaram em camelos, no deserto do Egito. Visitaram as ilhas gregas, Praga, na antiga Tchecoslováquia, de onde foram para Moscou e de lá para a China, onde conheceram a “mais espantosa revolução social econômica da história”, como Zita lembra em seu livro. Depois de passarem pela Praça da Paz, Beltrão se empolgou com o artesanato chinês pela sua expressividade em recortes de papel: “o povo exprime seus sentimentos e o senso estético, ora de uma simplicidade rústica, ora de um admirável refinamento, em recortes multicoloridos que decoram as janelas, portas, muros etc” (ANDRADE LIMA, 1999, p. 27). Também estiveram na Muralha da China.

Dessa viagem foi publicado, em 1959, *Itinerário da China: um repórter visita o milenar e novo país do Extremo Oriente*. Com 127 páginas, o livro reuniu reportagens e comentários publicados no *Diário da Noite*, *Folha do Povo*, *Jornal do Comércio* e *Revista do Nordeste*, no período de setembro a dezembro de 1958, incluindo, ainda, notas sobre sua permanência em Bucareste, Praga e Moscou. As ilustrações foram de reproduções das *découpures de papier*, composições de arte popular em recorte de papel, típicas da China. A partir de sua observação como repórter na visita de quase um mês, Beltrão manifestou, neste livro, entusiasmo pelas medidas do regime comunista, adotadas nas reformas econômicas e sociais implantadas na China. Esta seria, então, a única coletânea em livro da produção jornalística de Luiz Beltrão.

### **Olinda e Brasília**

Apesar de terem dado a volta ao mundo, passando por países com diferentes paisagens, culturas, povos, regimes econômicos, políticos e religiosos, Zita e Beltrão não esqueciam sua terra natal, Pernambuco. Luiz Beltrão de Andrade Lima nasceu em 08 de agosto de 1918, em Olinda, Pernambuco, e faleceu em 24 de outubro de 1986, em Brasília. Maria José Antunes de Andrade Lima (Zita) nasceu em 13 de abril de 1924, em Pernambuco. Morreu em 27 de outubro de 2004, em Brasília. A partir de 1965, o casal morou em Brasília. “Olinda foi, durante os trinta anos que Luiz viveu em Brasília, uma imensa saudade”, declarou Zita (ANDRADE LIMA, 1999, p. 31).

Zita considerava Luiz como amigo querido, companheiro inteligente, irônico, sensível, alegre, leal, afável, sensato, prudente, com grande iniciativa, domínio da emoção e habilidade para a compreensão do caráter humano. Em sua descrição, lembrou que o parceiro adorava a vida, viajar, cultivar as amizades, dançar, ir ao cinema, ao teatro, aos bons restaurantes e odiava a violência, a burrice e a injustiça. Beltrão gostava de cuidar das roseiras do jardim e da pequena horta que tinham no quintal.

A radialista exaltava que, profissionalmente, Beltrão tinha uma “exacerbada concepção da ética jornalística e da função social da imprensa”, exercendo suas atividades com seriedade e paixão. No entanto, a vida nem sempre foi um mar de rosas e Luiz enfrentou dificuldades na universidade, quando foi para Brasília, em 1965. Como relatou Zita (ANDRADE LIMA, 1999, p.33), por algum tempo foi considerado “subversivo” pelo regime militar e “reacionário” pela esquerda, denominada por ela como “esquerda festiva”. A radialista reproduziu o comentário do amigo e professor da UnB, Cassiano Nunes:

Beltrão, como eu, veio preencher na Universidade de Brasília, vagas abertas pelos professores que resolveram afrontar, com mais idealismo do que bom senso, a ditadura militar que se implantou em 64. (...) Fomos mal compreendidos até por muitos alunos que faziam mais esforços para fechar a Universidade do que para mantê-la aberta. (...) Foram anos difíceis. O professor Beltrão e os outros colegas tinham de lutar contra dois tipos de fanatismo político: o da direita e o da esquerda (ANDRADE LIMA, 1999, p.33).

Luiz Beltrão foi para a Universidade de Brasília, depois que 265 professores foram demitidos por razões políticas. O secretário de imprensa do governo Castelo Branco, José Vamberto Assunção, seu amigo, o convidou para reorganizar a Faculdade de Comunicação da UnB, mas estipulou como condição, segundo o próprio Beltrão, “não se falar em comunicação de massa porque era subversivo”. O convite foi uma oportunidade, na visão de Beltrão, para ampliar as bases de seu trabalho: “Lá eu verifiquei que o plano da Faculdade de Comunicação de Massa feito por Pompeu de Souza era realmente muito bom”<sup>3</sup>.

Beltrão apresentou ao reitor da UnB, Laerte Ramos de Carvalho, uma proposta para a reorganização da Faculdade de Comunicação, mas enfrentou dificuldades por parte dos docentes, que não aceitavam a indicação de um coordenador imposto pela reitoria. Luiz Beltrão permaneceu como diretor da Faculdade de Comunicação da UnB por três períodos letivos, ou seja, 18 meses.

---

<sup>3</sup> MARANINI, 1999. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista1/perfis2.htm>> Acesso em abril de 2015.

Por outro lado, Beltrão não recebeu o título de Doutor, em 26 de junho de 1967, quando defendeu, na Universidade de Brasília, a tese *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*, que continha 184 páginas. Ele foi o primeiro jornalista a defender uma Tese de Doutorado em Comunicação Social no Brasil e chamou a atenção da academia para a *Folkcomunicação*. Apesar da distinção com louvor que sua tese recebeu da Banca de avaliação, teve seu título cassado. Possivelmente, os comentários ao comunismo chinês, quando ele viajou para esse país, ficaram nos arquivos da ditadura e não agradaram aos militares brasileiros.

Em dezembro de 1984, a ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz entregou a medalha comemorativa ao cinquentenário da Universidade de São Paulo ao professor Luiz Beltrão, homenageando-o como pioneiro do ensino de jornalismo do país. Depois deste reconhecimento público e com a abertura democrática no país, o processo que transitava na UnB sobre o Doutorado de Beltrão teve um parecer final e o restituiu o título de Doutor conquistado<sup>4</sup>.

### **A vida de Beltrão**

Para entender a personalidade do amado de Zita e as posições políticas que ele adotou no decorrer da vida, vamos voltar ao tempo em que seu caráter foi se definindo. Vários pesquisadores como FELICIANO (1993); BENJAMIM (1998); TARSITANO (1998); MARQUES DE MELO (1999); MARANINI (1999); GOBBI (2006), entre outros, traçaram o perfil de Luiz Beltrão. Alguns, como Maranini (1999), por exemplo, realizaram sua pesquisa para a disciplina Pensamento comunicacional latino americano, oferecida na Universidade Metodista de São Paulo, pelo professor José Marques de Melo, que foi discípulo de Luiz Beltrão na Universidade Católica de Pernambuco.

A maioria destes trabalhos está disponível na internet e boa parte no *site* da Universidade Metodista, em parceria com a UNESCO, encontrado em [www2.metodista.br/unesco](http://www2.metodista.br/unesco). O relato a seguir sobre a trajetória de Luiz Beltrão foi resumido a partir dos trabalhos destes pesquisadores, acessados entre março e abril de 2015.

Beltrão queria ser padre, em função da influência familiar católica, e colecionava santinhos na infância. Em 1930, com 12 anos, entrou para o Seminário de Olinda, onde estudou e

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista1/perfis2.htm>>. Acesso em abril de 2015.

formou seus valores. Mas sua curiosidade sobre o mundo extramuros do colégio interno religioso, o leva a mudar de percurso. Ao sair do Seminário, foi para o Colégio Estadual de Pernambuco, onde começou a participar ativamente dos Grêmios Literários que acabaram influenciando sua vida literária.

Depois do ginásio, entrou para a Faculdade de Direito de Pernambuco. Aos 18 anos, começou a trabalhar como jornalista, quando conheceu o “contraste entre a comunidade jornalística e o mundo sacro heroico de onde saíra”, como o próprio Beltrão lembrou, em discurso de sua posse, na Academia Brasileira de Letras, em maio de 1970. Luiz trabalhou em várias publicações jornalísticas:

A vida profissional como jornalista começa em 15 de dezembro de 1936, no Diário de Pernambuco (...). A sua primeira atribuição foi o de revisor, depois de dois dias foi designado para as funções de arquivista de clichês, em seguida passou a traduzir telegramas e depois de tudo isso passou a repórter. Em 1940 recebeu o registro profissional como jornalista e três anos depois o título de bacharel pela Faculdade de Direito do Recife. Do Diário de Pernambuco vai para o Correio do Povo e Jornal Pequeno, atuando igualmente como correspondente de algumas agências de notícias como Asa Press, France Press, e das revistas Tudo, Guanabara Press, São Paulo Press e Capibaribe. Somando um total de quase 30 anos de jornalismo em Pernambuco, chegando até ao posto de redator chefe no Diário da Manhã (MARANINI, 1999) <sup>5</sup>.

De acordo com Gobbi (2006, p.2), Beltrão atuou em rádio, revistas, agências e assessoria de imprensa, acumulando experiência que incluiu passagens pelo DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda, criado por Getúlio Vargas durante o Estado Novo. Como jornalista, Luiz Beltrão também ocupou vários cargos nas entidades representativas da categoria. Foi presidente da Associação de Imprensa de Pernambuco, (1951, 1953 e 1955), um dos fundadores do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Pernambuco e Delegado junto ao Conselho de Representantes da Federação Nacional de Jornalismo Profissional, onde ocupou ainda a vice-presidência entre 1960 e 1962. Em 1969, Beltrão foi o presidente da UCLAP - União Cristã Latino Americana de Imprensa.

### **A trajetória acadêmica de Luiz Beltrão**

A questão do ensino de jornalismo chama a atenção de Luiz Beltrão, quando ele percebe a necessidade de aperfeiçoar o fazer profissional com o estudo, como registrou Maranini (1999), a partir da *Revista da Intercom*, n. 57:

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista1/perfis2.htm>> Acesso em abril de 2015.

Aníbal Fernandes, diretor do jornal, apareceu na redação com um livro de cor cinza, francês, que se chamava: Como fazer um jornal. Eu nunca tinha imaginado na minha vida que se pudesse aprender a fazer Jornalismo de outro modo, senão fazendo o próprio jornal. Este momento marcou demais a minha vida porque daí em diante eu passei a querer organizar uma biblioteca também. Eu comecei a perceber que era preciso estudar Jornalismo para poder fazer jornalismo. Esse foi o princípio do meu interesse pelo ensino do Jornalismo (REVISTA INTERCOM, 1987).

A partir deste interesse, Beltrão começou uma campanha para a criação do Curso superior de jornalismo e conseguiu o apoio do Padre Aloysio de Carvalho, reitor da Universidade Católica de Pernambuco. José Marques de Melo, Roberto Emerson Benjamin, Francisco Torquato do Rego, Newton Diniz de Andrade, entre outros, fizeram parte da primeira turma de alunos de Beltrão, quando este curso foi criado, em 1961.

Na época, a grande imprensa foi contra a criação do curso e, numa atitude corporativista, argumentava que o "jornalismo era vocação". Quando surgiu em João Pessoa, na Paraíba, o curso de Jornalismo, que funcionava na Faculdade de Filosofia do Instituto Nossa Senhora de Lourdes, Beltrão também começou a lecionar lá as disciplinas: Técnica de Jornal e Ética, história e legislação de Imprensa.

Por três anos, semanalmente, dirigia-se do Recife a João Pessoa, onde pernoitava, lecionando em aulas noturnas e diurnas. Tive a satisfação de ver receberem o grau de bacharéis, em 1961, os primeiros jornalistas profissionais nordestinos a portarem o título universitário (BELTRÃO, 1986).

Nessa época, Beltrão trouxe para o ensino de comunicação no Brasil a experiência norte-americana da Escola de Missouri, com a produção de um jornal experimental diário dos alunos e, assim, aliou a prática à teoria. Beltrão começou dessa forma, então, a construir sua trajetória acadêmica. Sempre ao lado de Zita. Em 1960, publicou seu primeiro livro vinculado à comunicação: *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, pela Editora Agir. Em 1964, escreveu o segundo, *A Imprensa Informativa* e depois, *O Jornalismo Interpretativo, Jornalismo Opinativo*, entre outros, associando o ensino à pesquisa. Beltrão escreveu 20 livros, entre romances, contos, teoria da comunicação, do jornalismo etc.

Um ano significativo nesta trajetória foi 1962, quando Beltrão participa como professor do 4º Curso Internacional de Aperfeiçoamento em Ciências da Informação, organizado pelo CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina). Importante centro de referência, criado, em 1959, no Equador, em função de uma

parceria da UNESCO com o governo local. A partir dessa experiência publicou, em 1963, *Métodos de enseñanza de la técnica del periodismo*.

Zita também foi para Quito, estimulada por Beltrão, em 1964, aperfeiçoar seus estudos no CIESPAL. Em 1966, ela publica como um diário, sua experiência como bolsista do CIESPAL. Formada em jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco, em 1963, Zita foi aluna de Beltrão:

Quando eu obtinha as melhores notas nas disciplinas que o professor Beltrão ensinava ele dizia: - Não é nenhuma vantagem você se destacar como a melhor aluna nas disciplinas que eu ensino. Pode parecer proteção. Afinal você tem um excelente professor a lhe dar aulas particulares a qualquer hora e tem a melhor biblioteca na área de jornalismo. (...) Você tem a obrigação de ser brilhante nas disciplinas de outros professores. Com esse argumento ele conseguia que eu estudasse como uma danada, horas a fio. Noite adentro. Felizmente nunca o decepcionei (ANDRADE LIMA, 1999, p.36).

A estudante conquistou vários prêmios, entre eles, um estágio no Departamento de Relações Públicas da Esso Brasileira de Petróleo, com passagem e estadia no Rio de Janeiro. Incentivada, ainda, por Luiz, Zita defendeu sua Dissertação de Mestrado na Universidade de Brasília e, depois, a publicou como *Radiojornalismo: Princípios e Técnicas* (1970). Este livro proporcionou ao seu mestre “alegria e orgulho”, como ela relembra (ANDRADE LIMA, 1999, p.37). Zita publicou vários trabalhos, mas pode-se intuir que o preferido dela e o de Beltrão, entre os escritos por ela, era este sobre radiojornalismo, por sua contribuição pioneira para os estudos sobre o rádio no país.

### **A criação do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM)**

A criação do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM) foi um marco na vida do casal. E também foi muito importante para os estudos e pesquisas do campo da Comunicação no Brasil. O ICINFORM foi criado por Luiz Beltrão em 13 de dezembro de 1963, portanto, antes do golpe militar de 1964, na Universidade Católica de Pernambuco. Seu objetivo inicial era dialogar com os jornalistas e órgãos da imprensa da região que eram contrários a criação de um Curso superior de jornalismo. A partir do contato com o CIESPAL, novas perspectivas se abriram, em termos internacionais, e vários estudiosos entraram para a entidade.

O ICINFORM manteve contatos com universidades e centros de estudos estrangeiros, tais como: Universidade de Concepción (Chile), Católica do Peru (Lima), Vera Cruz (México) e Guayaquil (Equador). Estabeleceu um intercâmbio com instituições de ensino do Brasil e,



desses contatos, surgiram articulações acadêmicas que repercutiram no Curso de jornalismo e fortaleceram politicamente o ICINFORM, como registrou a revista *Comunicações & problemas* (1965, v. 1, n. 1, p. 8).

Além do pioneirismo, o ICINFORM representava uma proposta ousada e inovadora para a época. O ICINFORM oferecia bolsas-prêmio para os alunos de melhor desempenho acadêmico e prêmios para reportagens, conseguidas por causa do prestígio de Luiz Beltrão junto a grandes empresas, entre elas o Moinho Recife e a SANBRA. Nos moldes do Curso de Aperfeiçoamento do CIESPAL e dos cursos de verão das universidades americanas e europeias, foi promovido pelo ICINFORM entre 16 de janeiro e 4 de março, no Recife, o I Curso de Ciências da Informação, tendo por finalidade proporcionar a jornalistas, bacharéis e estudantes de jornalismo, ciências sociais, políticas e economia, publicitários, especialistas em Relações Públicas, em audiovisuais e outros interessados, com nível de educação média ou superior, melhores conhecimentos (MARANINI, 1999)<sup>6</sup>.

Nestes cursos, discutiram-se estratégias de desenvolvimento econômico, ética, pedagogia do ensino, função social do jornalismo, sociologia da informação, metodologias de investigação, mas, sobretudo tratou-se a comunicação como ferramenta importante para a promoção do desenvolvimento e se aprofundou a discussão sobre a participação popular nesse processo. As modernas técnicas de comunicação coletiva seriam instrumentos a serviço desse projeto participativo, da primeira entidade, dentro da estrutura universitária brasileira, a se dedicar aos problemas da comunicação de forma ampla.

A revista *Comunicações & problemas*, considerada a primeira revista acadêmica de comunicação editada no Brasil, foi publicada em março de 1965. A revista teve 12 edições e saiu de circulação em 1969, como lembrou Nava (2002) em sua Tese de Doutorado. A estrutura e o projeto gráfico da revista *Comunicações & problemas* foram inspirados na revista norte-americana *Journalismo Quarterly*. Entre os artigos, eram veiculadas pequenas notícias sobre inovações tecnológicas ou sobre estudos realizados no exterior. Mantinha também uma seção para o registro das ocorrências nas pequenas empresas pernambucanas de comunicação. Zita escreveu vários artigos para esta revista.

A receptividade aludida não está, apenas, nas cartas recebidas, nas contribuições aos debates dos temas focalizados na primeira edição, na publicação de artigos na imprensa local e nacional; está igualmente na elevação surpreendente do número de assinantes, que já à casa dos 300, e na espontânea cooperação de firmas comerciais e industriais que trazem a sua propaganda a veículo especializado, com o campo limitado para temas publicitários (REVISTA COMUNICAÇÕES & PROBLEMAS, 1965, p. 73).

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista1/perfis2.htm>>. Acesso em abril de 2015.

Sampaio (1971) cita o artigo *Brasil: 50 anos de rádio*, publicado, em março de 1969, na revista *Comunicação & problemas*, n.1, vol. IV, ano 10, e que, possivelmente, foi o primeiro registro da experiência inovadora do rádio em Pernambuco:

O rádio, no Brasil, surgiu, fazendo vibrar as agulhas que arranhavam pedrinhas de galena, informando. Isso ocorreu exatamente no dia 06 de abril de 1919, no Recife, quando foi fundada a Rádio Clube de Pernambuco, por Oscar Moreira Pinto que, depois, se associou a Augusto Pereira e João Cardoso Ayres. (...) Em fins de 1926, segundo Luiz Beltrão, Pernambuco, cuja vocação para fazer história é inegável, conquistava o pioneirismo dos jornais falados no Brasil, na pessoa dos jornalistas Carlos Rios e Mário Libânio, pela vetusta PRA-8 (SAMPAIO, 1971, p. 19 e 20).

### **Considerações finais**

O casal Zita e Beltrão deixou como legado uma contribuição para a formação de uma geração pioneira de pesquisadores do campo da Comunicação, no Brasil. Seus discípulos deram continuidade ao trabalho iniciado na Universidade Católica de Pernambuco, no ICINFORM, na UnB e divulgaram os livros publicados pelos dois jornalistas.

Ao defender a criação do curso superior de jornalismo, ao ser o primeiro jornalista a defender uma Tese e obter o título de Doutor em Comunicação, Beltrão também contribuiu para mostrar a importância da profissionalização do jornalista a partir do estudo, da reflexão e da teoria. Paralelamente, alertava para a necessidade de a teoria estar vinculada à prática. Destaca-se, ainda, como fundamental para os estudos de Comunicação a criação, por parte de Beltrão, da primeira revista acadêmica na área: *Comunicações & problemas*.

Beltrão e Zita, companheiros de ofícios e sonhos, deixaram gratidão e estímulo para os filhos e para vários pesquisadores, como pode ser observado pelos depoimentos da última parte do livro de Zita. Entre esses depoimentos, destacam-se os de intelectuais como Umberto Eco, Luis da Câmara Cascudo, entre outros.

### **Referências bibliográficas**

ANADRADE LIMA, Zita. **Luiz, companheiro de ofícios e de sonhos**. Brasília: Thesaurus Editora, 1999.

---

**Radiojornalismo: Princípios e Técnicas**. Brasília: ICINFORM, 1970.

BELTRÃO, Luiz. O Ensino do Jornalismo no Nordeste. In: **Cadernos de Jornalismo e Editoração**, n. 18, São Paulo: COMARTE, ECA-USP, 1986.

BENJAMIN, Roberto (org). **Itinerário de Luiz Beltrão: Perfis Pernambucanos**. Recife: AIP e UNICAP, 1998.

FELICIANO, Fátima Aparecida. **Luiz Beltrão: um senhor do mundo**. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

GOBBI, Maria Cristina. **Luiz Beltrão: um homem a frente do seu tempo**, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r0499-1.pdf>>  
Acesso em abril de 2015.

GUERRA, Jacinto e outros. **O prazer da leitura**. Brasília: Thesaurus Editora, 1997. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=8570621108>>  
Acesso em abril de 2015.

JORNAL BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Disponível em: <[www2.metodista.br/unesco/jbcc/jbcc\\_mensal/jbcc264/dialogo\\_zita.htm](http://www2.metodista.br/unesco/jbcc/jbcc_mensal/jbcc264/dialogo_zita.htm)>  
Acesso em março de 2015.

MARANINI, Nicolau José Carvalho. **A trajetória de um pioneiro**, 1999. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista1/perfis2.htm>>  
Acesso em abril de 2015.

MARQUES DE MELO, José. Luiz Beltrão: pioneiro dos estudos de folkcomunicação no Brasil. In: **Revista Latina de Comunicación Social**, n. 21, 1999. Disponível em: <<http://www.uil.es/publicaciones/latina/a1999dse/46beltrao.htm>>  
Acesso em abril de 2015.

NAVA, Rosa Maria Ferreira Dales. **Comunicações & problemas: o primeiro periódico científico em comunicação no Brasil**. 2002. Tese de Doutorado em Comunicação Social - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.

REVISTA COMUNICAÇÕES & PROBLEMAS, Recife: ICINFORM, v. 1, n 1, 1965.

REVISTA INTERCOM. São Paulo: INTERCOM, n. 57, 1987.

SAMPAIO, Walter. **Jornalismo audiovisual: rádio, TV e cinema**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

TARSITANO, Paulo Rogério. **Luiz Beltrão: vida e obra**. Disponível em:

<<http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao/arquivos.02.luizbeltrao.paulorogério.pdf>> Acesso em março de 2015.

### Site

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. Disponível em:  
<<http://www2.metodista.br/unesco>> Acesso em março e abril de 2015.

PORTAL LUIZ BELTRÃO, Disponível em:  
<<http://www2.metodista.br/unesco/portalluiz>> Acesso em março de 2015.